

A LEVEZA DE UMA AMIZADE SÓLIDA

LEILA MÍCCOLIS*

RESUMO

O presente texto pretende focar uma amizade de quarenta anos, tão rara nesta nossa época de sentimentos voláteis e descartáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Glauco Mattoso; Literatura e amizade; quarenta anos; Leila Míccolis.

Irman no affan

Glauco Mattoso

Prefacios ja não faço, mas no caso
de Leila, esta exceção cabe, oportuna,
no ensejo duma critica fortuna,
pois toda “obra completa” envolve atrazo.

Tractando-se de Leila, não ha prazo:
seu verso não dephasa. Foi tribuna
de lucta libertaria: quem reuna
seus livros não fará conceito raso.

Linguagem desboccada, às vezes, como
se espera da mulher que modos muda,
mas lyrica e eloquente, em cada tomo.

Com ella me irmanei na phase aguda
da lucta e, si meus versos hoje domo,
lhe devo algo, no amor, na dor, na ajuda.

* Escritora de livros, TV, teatro e cinema.
E-mail: blocos@blocosonline.com.br

Bodas de pérolas (verdadeiras...)

Leila Miccolis

Do ciclo: Dedicados

– aos nossos 30 anos de amizade cúmplice

Há quem aplauda Glauco porque chupa
os pés dos homens, e sem pejo goza,
indiferente a quem por isso o apupa.
(A intolerância, sim, é que é escabrosa).

No entanto o espaço que Mattoso ocupa
na minha vida – e que me deixa prosa –
provém de quem, já quase cego, à lupa,
me escreve à mão mensagem carinhosa...

Quantas poesias mútuas dedicadas...
quanta hospedagem em Sampa... além da viagem
a Paranaapiacaba... Programão!

De Glauco eu amo todas as camadas:
cabeça, membro, pés, chulés, coragem,
porém, principalmente, o coração.

Maricá/RJ, 11 de agosto de 2006

Ao começar o presente texto com esses dois sonetos, ambos publicados em meu livro *Desfamiliares*, o fiz com o intuito de, desde logo, passar o clima que envolve Glauco e eu: o primeiro deles prefacia minha obra completa publicada em 2013, e o segundo, de mim para Glauco, também consta do mesmo livro, embora tenha sido feito em 2006 (após dez anos de existência, o título deveria ser substituído por *Bodas de Rubi* ou de *Esmeralda*. De qualquer modo, é realmente uma joia preciosa esta amizade de quarenta anos, atualmente a mais longa, verdadeira raridade, em tempos de relacionamentos passageiros, fluídicos, fugazes, etéreos, extremamente voláteis). Nestes versos transparece com nitidez do que se compõe nossa amizade: de enorme carinho, respeito e admiração mútua.

Há quarenta anos, década de 1970, eu estava casada com Marcelo, morando em Vila Isabel (Zona Norte do Rio de Janeiro), e uma noite recebemos Glauco, apresentado por Paulo Augusto, jornalista e poeta potiguar – Glauco naquele tempo morava no Rio, em Santa Tereza. Logo de início GM ficou impressionado com o nosso casamento: sabíamos na época que não éramos monogâmicos e tínhamos decidido ter um casamento aberto, sem que isso prejudicasse o grande amor que sentíamos um pelo outro. GM em um de seus livros chegou a comentar nosso relacionamento – meu e de Marcelo – como o mais revolucionário que ele conheceu.

Naquele tempo eu já mantinha um grande intercâmbio com poetas de todo o país, através da imprensa literária e de intensa correspondência epistolar. Então, nosso apartamento vivia sempre repleto de visitas, pessoas de todas as classes sociais, idades, opções sexuais, muitos artistas de vários estados brasileiros, e até alguns estrangeiros, amigos de amigos em comum. Essa biodiversidade era efervescente, essa multiplicidade era eletrizante. Foi sobre o pano de fundo deste cenário que iniciamos amizade, pois nos identificamos de imediato, já que Glauco era, também, muito diferente dos padrões convencionais e comportamentais a que a sociedade nos submetia.

Prova de que nossa estima crescia a cada dia, vertiginosamente, deu-se, ainda em 1977, quando GM começou a publicar o Jornal Dobrabil (ironizando o Jornal do Brasil, o maior do país, de maior circulação naquela época): ele me incluiu entre as cem únicas pessoas selecionadas (privilegiadas) para receber o JD (constituído de uma folha mimeografada, impressa frente e verso). Tratava-se de um alternativo totalmente diferente de tudo quanto acontecia naquele tempo. Os cinquenta e três primeiros números do Jornal Dobrabil, editados entre 1977 a 1981, começaram no Rio e continuaram posteriormente em São Paulo. A publicação era digitada em uma máquina de escrever Olivetti, 33 x 44 cm, reduzida posteriormente para 21,5 x 35,5 cm e xerocada. Não havia ilustrações, apenas uma excelente composição datilografada (*Dactylo Art*), com efeitos gráficos notáveis, além de uma diagramação com vários tipos/ fontes de letras, os mais diversos. Uma preciosidade que guardo até

hoje, não me desfiz dele nem mesmo quando o Prof. Dr. Steven Buttermann (também amigo de Glauco) intermediou a aquisição da maior parte de meu acervo de periódicos alternativos para a Universidade da Flórida, University of Miami Libraries, em 2006. Steven sabia que havia algumas publicações muito pessoais das quais eu não poderia me desligar, sob pena de perder uma parte das minhas próprias referências afetivas e o vínculo com a totalidade da minha história pessoal. Chorei muito ao desfazer-me de meu acervo (embora não pudesse fazer outra coisa, os jornaizinhos, todos raríssimos, estavam se desfazendo devido à precária manutenção, não tínhamos condições financeiras de tratá-los com o carinho que mereciam); porém teria sido ainda bem pior se tivesse de me afastar do Dobrabil e de alguns outros periódicos, de inestimável valor sentimental para mim.

Em 78, GM voltou para São Paulo, depois de morar dois anos no Rio, e eu, neste mesmo ano, abandonei a advocacia (depois de dez anos de exercício da profissão). De início, vivi de escrever contos eróticos – a convite do escritor paranaense Wilson Bueno (editor do prestigioso jornal *Nicolau* e nosso amigo em comum) – e também roteiros de histórias em quadrinhos para algumas revistas de grande circulação (SP e Rio). Eu ganhava bem me dedicando a este trabalho e me divertia – duplo prazer. Sendo *freelance*, não tinha compromisso de horários ou de cartão de ponto. Aproveitando então minha liberdade, eu viajava muito para São Paulo nesta época e me hospedava sempre no apartamento de Glauquinho, que não admitia que eu ficasse em outro lugar (e nem eu queria). Eu tinha muitos amigos paulistas, e pelo menos uma vez no mês viajava para São Paulo para participar de algum evento poético. E foi nestas idas e vindas que descobri no apartamento de GM a coleção original de Asterix, que ele guardava com o maior carinho e cuidado (pena que não a tenha mais). Uma preciosa raridade.

Lembro-me de que uma semana em que eu não tinha nada para fazer em São Paulo, Glauco me deixou cercada por uma pilha de revistas do líder gaulês da resistência aos romanos. Foi maravilhosa, simplesmente maravilhosa aquela tarde chuvosa (com direito a rima e tudo!). Quando

ele voltou do trabalho (na época ele era bibliotecário – antes da cegueira, cursou Biblioteconomia na Escola de Sociologia e Política de SP e Letras Vernáculas na USP), eu ainda estava inteiramente absorta, mergulhada, imersa na leitura; não almoçara nem lanchara, apenas lera, lera, lera, lera as aventuras do ousado quarteto: Asterix, Obelix, Panoramix, e o cãozinho Idefix... Em épocas de ditadura e repressão, ler Asterix era tudo de bom... E foi também no apê de Glauco que li o romance de Hilda Hilst, *O Caderno Rosa de Lory Lamb*, trágico, aterrador, escondendo, sob uma abordagem sexual estarrecedora, uma crítica feroz a falta de segurança financeira do escritor, que não tem como sobreviver do que escreve, na maioria quase absoluta das vezes. Um livro *Belo, Belo* – como diria Manuel Bandeira.

Quanto às nossas noites, sempre que ele voltava do trabalho, íamos a alguma apresentação poética e jantávamos pelas imediações. O tom de nossas conversas era sempre ferino (... e vituperino, um tantinho, às vezes...). Nós dois sempre fomos muito irônicos, e era nesta atmosfera de cumplicidade que registrávamos e comentávamos pessoas e fatos literários, com uma sinceridade escancarada, sem hipocrisias ou máscaras, esgrimindo palavras cítricas. Não faltavam humor negro nem sarcasmos. Porém, também sobravam louvores e aplausos para muitos dos nossos conhecidos e colegas. Éramos (dentro do possível) imparciais – “*dai a César o que é de César*” –, e objetivos – “*pão, pão, queijo, queijo*”...

Ainda em 1978, mais dois fatos me fizeram viver mais em SP do que no Rio: em abril, organizei e lancei pela Editora Vertente (de São Paulo, tendo como responsável esse guerreiro corajoso chamado Wladyr Nader), uma antologia com dez poetisas – inclusive a saudosa Norma Bengell – que tinham uma perspectiva de vida diferente da maioria das mulheres, e uma produção poética bastante singular (incluí três poetisas paulistas, ótimo “pretexto” para eu ir bastante às terras paulistanas – naquela época ainda não havia Internet e os Correios ainda eram mais lerdos do que hoje, acreditem).

O outro fato foi eu ter começado a escrever para o Jornal Lampião (Lampião da Esquina, de 1978 até dezembro de 1980), um jornal

de minorias sociais e grupos estigmatizados – homossexuais e lésbicas, travestis e transexuais, mulheres, prostitutas, negros, ameríndios, deficientes físicos etc. Neste período eu viajava muito para a Pauliceia, fazendo reportagens de debates e congressos que aconteciam em São Paulo, principalmente os organizados por grupos feministas, lésbico-feministas e homossexuais. A Nova Esquerda surgia com todo seu vigor e, com ela, a política do corpo (o corpo político) estava em alta, até por ele ser ele a principal vítima de massacres e torturas. Glauco também colaborava com o Lampião, estávamos constantemente juntos, e o número de conhecidos em comum aumentava cada vez mais.

A década de 1980 não foi menos intensa de acontecimentos em que estivemos juntos em público: em 1980, o *Núcleo Pindaíba* (encabeçado por Ulisses Tavares) publicou meu livro *Respeitável Público*. Em 1981, com outros poetas amigos residentes no Rio, fundei a *Trote*, uma editora alternativa (ou seja, com um modo de produção, veiculação e distribuição independentes), e nosso quarto livro publicado foi a *Antologia do Poema Pornô*, organizada por Eduardo Kac e Cairo Trindade. Glauco era um dos participantes do *Movimento de Arte Pornô*, lançado através do *Manifesto Pornô* no ano anterior (1980). Para este livro, GM criara como texto introdutório de sua parte o “Manifesto Obsoneto” (já em formato de soneto, gênero de composição poética ao qual se dedica até hoje; o poeta numera-o como sendo o de nº 8 dos 5555 elencados pelo autor). Nesta antologia, também consta o meu *Manifesto Corpofágico*, que dediquei a Glauco (1981, p. 30):

Do Glauco, num ato “plágico”,
– espero que ele não berre –
eu peguei o coprofágico,
só que mudei o seu r...

O livro em formato pequeno tinha fortuna crítica de grandes nomes, na quarta capa: Maria C. Cunha, Heloísa Buarque de Holanda, Wilson Bueno, Ildásio Tavares, Ney Leandro de Castro e Moacyr Félix.

FIGURA 1 – CAPA DA ANTOLOGIA DO POEMA PORNÔ



Fonte: arquivo pessoal da autora

A maior qualidade da “*Antologia do Poema Pornô*” não era a arte editorial (a edição era graficamente precária com 42 páginas coladas); era ter tido a coragem de simplesmente existir, em plena ditadura militar e em meio a suas cartas-bombas, na época também em que as editoras negavam-se a publicar livros com conteúdo “suspeito”, ainda mais os que questionavam a moral e os bons costumes (a TFP estava em ascensão e a apreensão de livros também – eu própria passei por esta experiência com a editora que publicou o meu “*Silêncio Relativo*”, e que se recusou a colocar seu selo na obra, por medo de apreensão e de prisão). Era realmente um grande risco de pararmos na Polícia Federal (como aconteceu em Brasília com Nicolas Behr, poeta da nossa geração, detido por “*porte de material pornográfico*”: os seus livretos de poemas da sarcástica marca de fantasia “*Pobrás*...”). Em 1984, *O Pasquim* republicou a Antologia com o título “*Antologia*”, essa sim, uma edição graficamente perfeita; mas já estávamos no contexto das “Diretas já” – os piores tempos de chumbo haviam passado.

Minhas viagens para Sampa prosseguiram constantes: em 1982, responsabilizei-me por convidar literatas do Rio, para o *I Festival de Mulheres nas Artes*, cuja organização geral ficou a cargo de Ruth Escobar, no Teatro que tinha seu nome; e neste ano Glauco editava um livro solo, também sob o selo da Trote: “*Memórias de um Pueteiro – As melhores gozações de Glauco Mattoso*” (1ª e 2ª edições em 1982, RJ). Uma capa ousada e polêmica, não só pela ilustração, como porque, no canto esquerdo, GM colocou de modo bem visível o logotipo de *O Pasquim* (Glauco colaborava com ele), e em letras bem miúdas, escreveu: “*não apresenta*”. Lógico que o que sobressaía era o logo do famoso jornal carioca, e esta era a primeira gozação do livro, feita pelo seu autor a partir da capa.

FIGURA 2 - CAPA DE MEMÓRIAS DE UM PUETEIRO

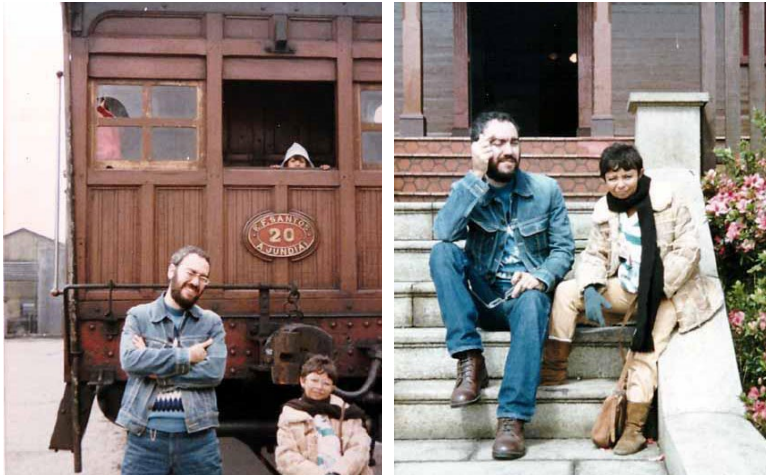


Fonte: arquivo pessoal da autora

Em 1986, eu quis muito conhecer Paranapiacaba (a “vila inglesa” localizada em Santo André), porque me encantei com as locações do filme brasileiro *Doramundo* (filme de 1978, baseado no romance homônimo de Geraldo Ferraz, dirigido por João Batista de Andrade, e tendo como autor do roteiro inicial Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura militar). GM aceitou de imediato ir comigo, e lá fomos eu, ele e meu muito querido

poeta paraibano, Severino do Ramo (Cabedelo/PB, 7/9/1960 - São Paulo/SP, 18/10/1990). Cheguei a mencionar esta viagem no meu soneto que transcrevi no início do presente relato, por ser a única que programamos e que efetivamente vivenciamos. Delícia o passeio: uma hora e meia de paisagem linda vista da janela de um trem de ferro em estilo dos anos 50 (a *diesel*), toda aquela neblina, o relógio que pode ser visto de longe e que, erguido em 1898, reproduz o *Big Ben* em suas badaladas, o clima da ferrovia presente em tudo, principalmente na arquitetura das casas, e que de alguma forma dá a impressão de marcar com o ferro dos trilhos todas as trilhas da cidade (muito próprio para o mistério e suspense de *Doramundo*), e uma estranha sensação de parecer estarmos em outro país, nada tropical, das construções ao fog... Estas três fotos foram tiradas pelo próprio Severino (daí ele não ter aparecido), quando descíamos do Expresso Turístico, na Estação Alto da Serra, fixando um pouco desses momentos inesquecíveis.

FIGURAS 3 E 4 – FOTOS EM PARANAPIACABA



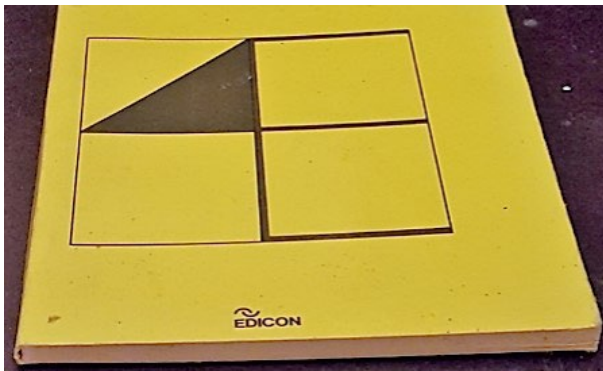
Fonte: arquivo pessoal da autora

Na década de 1980, fiquei bastante preocupada com Glauco, que resolveu fazer “cartões de visita” e distribuir em lugares públicos “convidando” pessoas a irem ao seu apartamento para fins de podolatria. Ainda

bem que naquela época ainda trazia consigo muito da revolução *hippie* com seu lema “paz e amor”; não ocorreu nenhum ato contra a integridade física de GM, que sobreviveu incólume e com mais “pesquisa de campo”, para seus textos em poesia e em prosa.

Na década seguinte, apesar de eu não viajar mais com tanta frequência para São Paulo, continuamos juntos a fazer artes. Em 1990, lancei dois livros pela editora paulista Edicon: *Só se for a dois*, com Urhacy Faustino – meu atual companheiro – e também o *De 4* (o título, polissêmico, continha um duplo sentido: o livro era de autoria de quatro autores, e também havia a intenção proposital de sugerir a respectiva posição erótica). No *De 4* Glauco participou criando a capa, em uma concepção genial: apenas usando linhas e figuras geométricas ele conseguiu escrever o título do livro. Eis:

FIGURA 5 – CAPA DO LIVRO *DE 4*



Fonte: arquivo pessoal da autora

Não é qualquer um que tem uma capa de Glauco Mattoso. Era mais um gesto que expressava muito carinho da parte dele, até porque seu glaucoma já estava muitíssimo avançado. Eu me senti nas nuvens – alegre, prosa, orgulhosa, grata. Esta foto, eu ladeada por GM e Jean-Claude Bernardet, foi no almoço que tivemos antes de ir para o lançamento na Bienal do Livro.

FIGURA 6 - FOTO COM GLAUCO E JEAN-CLAUDE



Fonte: arquivo pessoal da autora

Ainda em 1990 nos encontramos na mesma mesa de debates do *Encontro Nacional de Arte e Cultura*, Prefeitura Municipal de Registro e União Brasileira de Escritores. Tema: “*Cultura e Resistência*”, Registro/SP.

Depois, minhas viagens praticamente acabaram: não podia mais sair do Rio devido às minhas atividades teledramatúrgicas (novelas de televisão), período que se estendeu até “*Mandacaru*” (em 1998), penúltima novela a ser exibida pela Manchete, antes da emissora falir. Também foi uma época com acontecimentos trágicos: falecimento de Severino do Ramo, companheiro de Glauco naquela época; meu divórcio de Marcelo; GM perdendo cada vez mais a visão. Porém, apesar de já estar praticamente cego, recebi dele um dos presentes mais lindos, inesperados e emocionantes: uma dedicatória curta, dizendo que estava escrevendo à lupa para mim. Sempre que a leio, até hoje, sinto uma gigantesca montanha russa de emoções.

Também antes do milênio acabar, a partir de 1996 (portanto há vinte anos, em julho fará vinte e um anos de divulgação literária e de jornalismo cultural), Urhacy Faustino e eu lançamos na Internet nosso pioneiríssimo *Blocos Online* (site cultural que se tornou um portal muito

premiado, com o respaldo da UNESCO, e mencionado atualmente por diversos livros didáticos brasileiros que o recomendam para seus alunos de ensino médio). *Blocos Online* cresce diariamente, hoje é um mega portal, com quase dez mil autores *on line*. Convidei Glauco para integrar nosso Conselho Editorial e, além disso, em 2002, ele começou a escrever sua coluna *Glaucomatopeia* (foram 85 colunas, de 2002 a 2008). Porém, Glauco era/é sempre muito disputado, teve de parar para atender a outros compromissos. Conseguiu voltar, como nosso colunista exclusivo, de setembro de 2014 a maio 2016 (vinte e dois textos), com sua *Ephemerdas*, parando há pouco para se dedicar apenas ao seu blog, contando as peripécias de Chicho, seu *basset hound*, “*sonoplasta de latidos*”.

E eis que chego à década acadêmico-universitária. Incentivada por Urhacy, depois da experiência televisiva, voltei à Universidade para fazer Letras, mais precisamente Teoria Literária. Prestei exame de seleção em 2004 para a UFRJ e no segundo semestre já estava cursando o Mestrado. Logo percebi que a Academia Universitária orbitava muito em torno dos cânones literários e pouco conhecia dos autores contemporâneos, principalmente com relação aos poetas. Foi então que decidi introduzir a obra de Glauco Mattoso neste circuito, até porque meu grupo de estudos, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Edmundo Bouças Coutinho, era sobre Dandismo/Decadentismo, tendência poética que, no meu ponto de vista, tem tudo a ver com a proposta estética de Glauco.

Não vou discorrer sobre o Dandismo/Decadentismo (praticamente abduzido de nossa literatura), porque extrapola o âmbito deste meu relato. Porém, não há como não explicar, mesmo que de maneira sucinta, o motivo pelo qual eu considero Glauco um dos poucos dândis contemporâneos brasileiros. No dizer de Rafael Santana (2005, p. 366), “a filosofia dandy seria um fenômeno que ressurge toda vez que a História se apresenta como vivência da catástrofe, como consciência iniludível da ruína”. E qualquer semelhança com os tempos atuais não será mera coincidência.

Embora a terminologia “dandista/decadentista” sirva mais para as piadas de mau gosto do que para explicações teóricas, os autores desta tendência tinham orgulho em denominar-se assim. Álvaro de Campos

qualificava-se abertamente como dandista, em “*Opiário*”, e os diversos heterônimos de Fernando Pessoa fazem parte do que intitulou de “*ce-nas vivas*”, em que vida e obra se intercambiam o tempo todo. Também GM apresenta “multiplicidade de eus”, entre eles: Pedro, o Podre e Garcia Loca, e sua obra traz características primordiais da estética finissecular: o avessismo, a ironia, a atração pelo paradoxo, as temáticas transgressoras, a impopularidade – esta última exibida acintosamente quase como uma medalha de “honra ao mérito” por parte de quem ousou recusar a mesmice e o lugar comum de uma produção poética masculina carregada de chavões, estereótipos e preconceitos sociais. Glauco nunca dissociou sua vida particular de sua obra. Ambas caminham visceralmente juntas, como se desafiassem: caso queira, faça o que eu digo e faça o que eu faço... (mais um avessismo dele, entre tantos). Por isso, quero mencionar dois ensaios que apresentei em Simpósios da UFRJ enfocando a poesia de Glauco e, conseqüentemente, falando dele próprio, já que ambos são indissolúveis.

Em 2005, no Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura/UFRJ (17 a 21/10/2005) intitulado “*Entre-lugares: Arte e Pensamento*”, apresentei o tema: “*Os entre-lugares da arte e pensamento do Poeta da Crueldade, Glauco Mattoso, com o Teatro da Crueldade de Antonin Artaud*”. Tanto o poeta paulista quanto o teatrólogo francês chegaram onde chegaram pelo estigma da violência. A crueldade é o componente preponderante (e o elo aproximativo) das respectivas obras, nas quais a violência aparece como recurso subversor/transgressor, capaz de propiciar transformações comportamentais libertadoras e/ou libertárias. E, para alcançarem seus objetivos, ambos retribuem os tratamentos de choques que receberam em suas vidas.

Mattoso “assumiu” esse epíteto de “*Poeta da Crueldade*” no *Soneto nº 509* (intitulado “*ASSUMIDO*”), no qual ele alude ao trauma adquirido na vida real, quando criança, vítima que foi de uma curra em que o obrigaram a lamber pés sujos e sapatos dos agressores, além de ser sodomizado por eles. Eis o ponto de partida do seu prazer pelo sadomasoquismo. Em contrapartida, revela Artaud no livro de Ana Teixeira “*O teatro da cura cruel*”, como se sentia depois dos eletrochoques, que são também uma violência

contra a integridade física de uma pessoa, uma truculenta coação (ainda mais no início do século XX), tal como a curra:

O eletrochoque me desespera, tira minha memória, entorpece meu pensamento, e meu coração, torna-me num ausente que se percebe ausente e vê durante semanas perdido em busca do seu ser como um morto ao lado de um vivo. Na última série eu fiquei todo o mês de agosto e setembro impossibilitado de trabalhar, de pensar e de me sentir ser. (TEIXEIRA, 1999, p. 162).

O Teatro da Crueldade para Artaud, liberando as emoções massacradas por um sistema que as manipula castrativamente, e libertando o grito, potência vocal, faculdade perdida pelo ator, “após três séculos de tradição literária”, funcionaria “como uma peste, por intoxicação, por infecção”. E foi principalmente esta conexão do teatro com a peste que me fez tecer este paralelismo. Artaud e Glauco “empesteiam”, “infectam” o espaço ao redor com suas crueldades dionísicas: um para despertar as pessoas acomodadas e massacradas pela fala articulada; outro, de forma literária não-convencional, para devolver-lhes o produto de suas violências, através de um gozo tão brutal quanto a brutalidade cotidianamente por eles praticada. Nas palavras do próprio Glauco, inseridas no depoimento pessoal enviado a mim, por *e-mail*, em 20 de setembro de 2005: “[...] Assim canibalizo o que sofri e vomito, ou dejetos, o subproduto do sofrimento em forma de prazer sadomasoquista”.

Com relação ao aspecto da canibalização, Glauco chegou a ser considerado o “*enfant terrible*” de Oswald de Andrade, no sentido de expor uma releitura escatológica da “antropofagia” do poeta modernista, segundo Jorge Schwartz (citação de Mattoso no seu livro *Manual do Podólatra Amador*). No entanto, a diferença entre a Antropofagia oswaldiana e a mattosiana foi ressaltada pelo Prof. Dr. Steven Butterman, que assinala com muita propriedade em seu livro “*Perversões em Parada – Literatura Brasileira de Transgressão e Antiestética Pós-moderna em Glauco Mattoso*”: “as preocupações de Mattoso começam onde terminam as de Oswald: se o antropofagismo comeu alguém, nosso canibal experimentará,

indubitavelmente, uma evacuação intestinal”. Nojo e prazer, dor e desejo – paradoxos difíceis de serem flagrados juntos em nossa poesia brasileira.

O segundo ensaio foi apresentado no mesmo ano (2005), durante o 7º Colóquio do Grupo de Pesquisas Estéticas de Fim-de-século da UFRJ (7 a 9/11/2005), realizado no Auditório da Fundação Biblioteca Nacional, dentro do temário: “*Dândis. Estetas e Sibaritas*”. Voltei a mergulhar na obra de Glauco quando abordei o tema: “*Glauco Mattoso, um pejoso sibarita*”. Explicava eu, logo de início, que segundo o dicionário do filólogo Antônio Houaiss, a lexicologia do vocábulo pejoso admite duas acepções: o que sente pejo e o que causa pejo; e que era por essa direção que eu encaminhava o ensaio, por essa via de mão-dupla, por esse duplo pejar-se: do receptor que sente vergonha do que lê, e do emissor-autor que a causa. Seguindo-se à introdução, dividi o ensaio em duas partes: na primeira, reportei-me à fase em que Glauco ainda podia enxergar; na segunda (que vem até os dias de hoje, infeliz e irreversivelmente) a que ele ficou cego.

A saber: o *Jornal Dobrabil* já introduz características marcantes dandistas, referidas anteriormente: os heterônimos, o avessismo, a concepção de que o cotidiano deve constituir-se em obra de arte, o horror à mediocridade, o gosto dos paradoxos (“*vejo em tudo o lado paradoxal, pois a coexistência dos contrários é minha obsessão intelectual*”), o tom “profanador” através de temas considerados nauseabundos e imundos, certo desdém pelo grande público (a própria opção pela ortografia antiga que era usada até 1940 é fator que restringe o número de seus admiradores), o orgulho desta impopularidade, entre outros. GM nunca se importou em impactar, em irritar, em incomodar os próprios críticos literários com seu *pornosianismo* – artifício literário e vivencial que faz com que, no leitor, o pejo explode com veemência, devido não só a coprofagia e a podolatria, como também ao xibunguismo (no qual, segundo definição do próprio Glauco, ele se “inglorifica” como o anti-herói cego, gay e masoquista, que alardeia seus fiascos e vícios”, em oposição ao “cabramachismo”. Mais uma vez esta postura faz-me recordar Álvaro de Campos, quando escreve: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada. / Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”).

A segunda fase corresponde à década de 1990, mais precisamente a partir de 1995 (quando a cegueira absoluta atinge Glauco), sendo constituída exclusivamente de sonetos, escritos de acordo com a ortografia em vigor até a ditadura getulista, e ressuscitada agora por ele depois da mudança mais recente, como protesto pessoal às sucessivas modificações (“ao ver como os academicos estão exagerando nas alterações ilógicas, resolvi adoptar a forma antiga, que, afinal, não é tão arcaica assim” – explica o poeta em entrevista ao *site O Martelo*). Sobre este estágio, Glauco verseja em soneto anterior à sua resolução de seguir a ortografia do século passado:

SONETO 241 ENSAÍSTICO

Chamemo-la de fase iconoclasta,
à minha poesia antes de cego.
Pinteí, bordeí. Porém não a renego.
Forçou-me a invalidez a dar um basta.

A nova não é casta, nem contrasta
com velhas anarquias. Só me entrego
ao pé, onde em soneto a língua esfrego.
Chamemo-la de fase podorasta.

Mas nem por isso é menos transgressiva.
Impõe-se um paradoxo na medida
da forma e da temática obsessiva:
Na universalidade presumida,

igualo-me a Bocage, Botto e Piva.
Ao cego, o feio é belo, e a dor é vida.

Ainda no depoimento citado anteriormente, enviado por *e-mail* e endereçado a mim, em 20 de setembro de 2005, Glauco escreve sobre sua cegueira: “Acho que sou autor e personagem ao mesmo tempo quando se trata de crueldade: sofro a injustiça, divina e humana, da cegueira e da discriminação, mas devolvo agredindo o bom gosto com minha opção antiestética pelo fetichismo do pé feio, sujo e homo. Sem falar na poetização

da tortura e de outras crueldades. Enfim, uma atitude existencial e não meramente “poser” ou “fake” como no teatro do SM (sodomismo) dito consensual. [...] Canibalizo o que sofri e vomito, ou dejetos, o subproduto do sofrimento em forma de prazer sadomasoquista”.

“Autor e personagem ao mesmo tempo” – definiu-se Glauco. Pessoa declarou em carta a Adolfo Casais Monteiro: “O que sou essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja – é dramaturgo” (PESSOA, 1986, p. 197) (e a teatralidade é outra marca registrada do Dandismo – lembremos que Sá Carneiro suicidou-se ao vivo, diante de seu amigo, em um quarto de hotel). No Dandismo o poeta é um corpo que se encena, “uma espécie de script metafórico da cena viva”, como define a Prof^a. Dr^a. Maria Esther Maciel. No entanto, o ponto de vista de Glauco é discordante de Pessoa, quando afirma em uma entrevista, publicada em 2005: “o poeta não finge, apenas exagera. E o verdadeiro poeta fala do que viveu. Assim, optei pela experiência que tive desde a infância, quando já era deficiente visual e os outros meninos abusavam sexualmente de mim, naquela periferia paulistana”.

Abro parênteses: realmente, como o próprio GM observa, há flagrantes diferenças: o fingidor de Pessoa, dentro da corrente Sensacionista, finge que sente o que realmente sente... O Sensacionismo brasileiro (tendência literária a vivenciar e/ou produzir sensações) de Glauco teatraliza, encena, porém não disfarça nem simula. Amplifica o que sente. Por que me reporto de novo a Álvaro de Campos? Devido, talvez, a ser Fernando Pessoa o dandista mais conhecido entre nós, mais até do que os próprios poetas brasileiros, como Cruz e Sousa, Emiliano Pernetá, Kilkerry, Wamosy, Maranhão Sobrinho, ou B. Lopes. Como todo dândi decadentista, Glauco mostra escancaradamente a decadência de uma sociedade repleta de moralidade vazia, de ideologias puritanas, de uma cultura que ensina bons modos e bom comportamento como instrumento eficaz de policiamento, controle e repressão. Creio que ele é o único poeta contemporâneo brasileiro cuja obra, tão “chula” e “desbocada”, é reverenciada até por concursos literários considerados “sóbrios” e “sérios”, como o Prêmio

Oceanos (ex-Portugal Telecom), em cuja edição de 2015, premiou *Saccola de Feira* em 4º lugar – único livro de poesia a estar entre as obras vencedoras. Fecho parênteses.

Voltando à entrevista acima: quando o repórter pergunta se GM conhecia algum poeta que escondia sua produção pornográfica, ele responde: “Praticamente todos os clássicos, como Bilac, Bandeira ou Drummond, esconderam ou publicaram tardiamente. Hoje quem faz quer mostrar. Hilda Hilst, Leila Mícolis e Roberto Piva se firmaram inclusive por essa franqueza”.

A recepção por parte de GM dos meus textos acadêmicos me envaideceu: comentou que não perdi certa informalidade estilística, o que, segundo ele, deixou os textos sem o “ranço academicista” geralmente responsável por imprimir um ritmo monótono e monocórdico à leitura. Para mim, elogio grande ter conseguido me expressar em um tipo de acadêmismo um tanto antiacademicista...

Nossa amizade, até hoje, é feita de mil pequenos gestos atenciosos. Junto a um enfeite de louça em formato de bota, boto ao lado o livro dele editado por nós, da extinta Trote. Em 2010, achei um chaveiro com uma bota e disse-me: este vai direto para o Glauquinho (embora só o enviasse três anos depois... Bem: antes tarde do que nunca...). Em 15/5/2015, GM me inclui entre os “salvadores do conjunto de sua obra”: *“Oi, Leilinha, quero lhe comunicar que puz seu nome numa pequena lista de contactos preferenciaes, a quem enviarei por email varios contehudos digitaes ineditos em livro (ou exgottados e recyclados), que planejo publicar (ou reeditar) em formato impresso, mas não sei si todos os titulos chegarão a sahir, nem quando. Espero que você concorde em receber e guardar os originaes abaixo listados (alguns sob heteronymo em anagramma), que seguirão aos poucos, não necessariamente nessa ordem. (...) Grato por estar entre meus “salvadores” do conjuncto da obra, emquanto tenho gaz e pique para compartilha-a!”*

E, para restringir-me a apenas três exemplos, em 2016 deu-se um fato misterioso, que até hoje não conseguimos explicar: foi quando recebi um e-mail “falado” dele... Como isto aconteceu é um enigma, mas o fato é que a “máquina falante” de Glauco (que se recusa terminantemente a

ler em braile) dispôs-se também a falar comigo: era uma voz bonita de mulher, “lendo” para mim o que estava escrito, inclusive com as devidas pontuações. Incrível, inacreditável, mas... verídico. Fiquei, portanto “conhecendo” “quem” lê minhas mensagens endereçadas a ele.

No ar pode pairar a pergunta: – e Glauco nunca pegou no teu pé? Nunca. A única vez em que comentou sobre meus pés, quando ainda podia enxergar, disse-me: “vocêzinha tem os pés de gueixa”... E eu logo me lembrei do *Soneto #138, “Onanista”*, de 1999, do qual transcrevo o primeiro quarteto e o primeiro terceto:

Na bronha, posso tudo que quizer.
Sou xeique, sou calípha, sou sultão.
No meu harem não falta ocupação:
p’ra cada artelho tenho uma mulher.

[...]

Ó gueixas, odaliscas, fellatrizes!
Desejo vocês todas aos meus pés,
chupando-me e se dando por felizes!

Estou quase chegando ao meu limite de vinte páginas... mas já? Então preciso terminar, mesmo achando que há ainda muito material para acrescentar – reclamo; mas contra-argumento: sim, o que você queria?. Não há como condensar em vinte páginas quatro décadas de intenso tráfego de emoções (só o cineasta Louis Malle consegue resumir trinta anos em uma única noite...). Dou-me razão: este é apenas um rápido *tour* afetivo, uma parte do meu mapa em direção ao tesouro de uma dedicada e deliciosa amizade. Não pretende ser uma fortuna crítica, mas sim um tipo diferente de fortuna, vivencial e sem críticas (no sentido de julgamento de valores), mostrando um pouco de minha enorme estima por Glaukissimo, neologismo bilíngue que uso às vezes, no final de nossos *e-mails*. É mais um cafuné, um mimo, um lembrar gostoso de saborosas lembranças de um afeto calcado em/calçado por muita franqueza e admiração. De Glauco para mim, em mensagem de 20/8/2002: “[...] Quanto a você, sempre seu nome me vem nos papos

e entrevistas que dou. Acho que deixaremos alguma coisinha na história... mas nada de cova por enquanto, certo? Beijo do GLAUCO”.

Querido Glauco, na história, não sei; mas na historiografia, com toda certeza. E já que comecei com poesia esta viagem no túnel do tempo, terminarei com ela também. Começo com três poemas meus dedicados a Glauco. O título do primeiro é uma referência ao “Soneto 65” dele, intitulado “DESCALÇO” (de 1999), em que GM inicia-o abordando a preferência dos homens por pés femininos. Usei o mesmo título, com montagem diferente, e idêntica ideia central do soneto dele. À la Glauco, só que em formato mais minimalista, característica da maior parte de minha obra:

Eis o “mote” dele (quarteto inicial do *Soneto 65*):

O pé da mulher linda é também lindo.
Assim deseja o macho que é tarado
por pés, e ninguém vê nada de errado
si a femea, ao descalçar-se, está despindo.

Agora, minha “glosa”:

Des calça
É tão fetichista
que, ao ver meu pé nu,
berrou: – se vista!

FESCENINA
Bebo tuas palavras
sorvo-te,
embriago-me.
Mijo-te.

Como teu corpo,
saboreio-te,
sacio-me.
Cago-te.

SUPER-(H)ERÓTICOS

Enquanto o Incrível Hulk
cresce na parte de cima
verde que nem perereca,
a pobre parte de baixo,
vermelhinha de vergonha,
não rasga nem a cueca.
Já o Homem Invisível
tem um troço tão encolhido
que ganhou este apelido.
Agora, chato mesmo, de galocha,
é o Homem Tocha
que com aquele fogo de derreter rocha,
é um tanto brocha...
E o Homem Aranha? Coitado!
Dia e noite, noite e dia
só na luta contra o mal
deve ter teias no pau...
Êta turminha sem sal!

Não é ridículo?
Ninguém aguenta mais os Super-Homens,
com seus cintos de utilidade
e estreitas mentalidades...
Homens com maiúsculos agás,
“gagás”.
Chega dos valores desta escala:
muito falo e pouca fala.
Se afinal é preciso mudar tudo,
que se tire então, do homem, o H mudo.

E, finalizando, os sonetos de Glauco nos quais me cita:

SONETO DE QUEM FEDE MENOS

Quem tem seu próprio mérito, e aqui cito
alguns, já reconhece meu valor:
Roberto Piva, Paulo Henriques Britto,
Augusto, Leila Míccolis, Millôr...

Portanto, sou canônico e maldito
ao mesmo tempo, ainda que o fedor
da minha boca mostre-se esquisito
demais a quem perfume quer impor...

Enfim, quem é poeta e no seu taco
confia, não me inveja quando emplaco
milhares de sonetos de bom nível...

Só mesmo quem talento tem de menos
me vê, como poeta, entre os pequenos...
Inútil: é meu verso irredutível!

Alô, Leilinha! Citei você de novo, veja só: como resultado de minha participação nas Rodas de Leitura do CCBB (), juntamente com Roberto Piva, Chacal e Jorge Salomão (**), fiz no dia seguinte o soneto seguinte, homenageando a geração dita "marginal" a que pertencço:*

SONETO 909 GENERACIONAL

Chacal pagou o preço da passagem
e deu muito prazer a quem o leu.
Sem ser uma Marília ao seu Dirceu,
prefere Ana Cristina outra viagem.

Cacaso e Chico Alvim, em versos, agem
tão espontaneamente no apogeu
quão espontâneo foi o Caio Abreu
na vida e no seu auge, que é coragem.

Medéia, Leila Míccolis burila.
Tavares, Bráulio e Ulisses, corresponde
à versatilidade na mochila.

Leminski encurta o curso e pega o bonde.
Garimpa o Tião Nunes rica vila.
Mattoso é grato ao Piva, que o faz conde.

- (*) Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro
(**) A palestra citada por GM realizou-se em 05/09/2003
(***) Idem

2.279 - SONETO A LEILA MÍCCOLIS

Que tem de pequenina, tem de terna.
Concentra em si um pouquinho da maneira
de cada mulher brava brasileira:
Pagu, Tarsila, Anita. Ela é moderna.

Por décadas de luta, já governa
o mundo alternativo, farta feira
de arte, em vibrações de feiticeira:
Assim é Leila Míccolis, eterna.

Respeito a seus direitos ela cobra.
Ao bom comportamento é sempre avessa.
À fácil caretice não se dobra.

A frase lapidar dessa cabeça
é verso que resume grande obra:
“Falo do óbvio, antes que me esqueça.”

Do livro: “Geléia de Rococó - Sonetos Barrocos”, Edições Ciência do
Acidente, SP, 1999.

.....

THE LIGHTNESS OF A SOLID FRIENDSHIP

ABSTRACT

The present text intends to focus on a friendship of forty years, so rare in our time of volatile and disposable feelings.

KEYWORDS: Glauco Mattoso; literature and friendship; forty years; Leila Míccolis.

LA LEVEDAD DE UNA SÓLIDA AMISTAD

RESUMEN

Este documento tiene la intención de enfocar una amistad de cuarenta años, tan rara en esta época nuestra de sentimientos volátiles y desechables.

PALABRAS CLAVE: Glauco Mattoso; literatura y amistad; cuarenta años; Leila Míccolis.

REFERÊNCIAS

KAC, Eduardo; TRINDADE, Cairo (Org.). *Antologia do poema pornô*. Rio de Janeiro: Trote, 1981.

MATTOSO, Glauco. *Geléia de Rococó: Sonetos Barrocos*. São Paulo: Edições Ciência do Acidente, 1999.

_____. *Jornal Dobrabil*. São Paulo, Iluminuras, 2001.

MÍCCOLIS, Leila. *Desfamiliares: poesia completa de Leila Míccolis*. Rio de Janeiro: Annablume, 2013.

PESSOA, Fernando. *Escritos íntimos, cartas e páginas autobiográficas*. Introdução, organização e notas de Antóónio Quadros. Lisboa: Publ. Europa-América, 1986.

TEIXEIRA, Ana. O teatro da cura Cruel. *Revista Interface*, v. 3, n.5. Botucatu-SP, ago.1999.

Submetido em 20 de janeiro de 2017

Aceito em 17 de fevereiro de 2017

Publicado em 20 de junho de 2017
